

***Roteirização Turística na Comunidade Indígena  
Catu dos Eleotérios em Canguaretama/RN, Brasil:  
compreendendo os desafios e oportunidades***

***Tourist Itinerary in the Catu dos Eleotérios Indigenous  
Community in Canguaretama/RN, Brazil: understanding  
the challenges and opportunities***

**Darlyne Fontes Virginio**

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Canguaretama/RN, Brasil. E-mail: darlynefontes@yahoo.com.br

**Geyson Fernandes da Silva**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGTUR, Natal/RN, Brasil.  
E-mail: geysonpotiguara@outlook.com

**Aline Mayara Marinho Xavier da Silva**

Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGTUR, Natal/RN, Brasil.  
E-mail: alinemayaramarinho@hotmail.com

**Maria Valéria Pereira de Araújo**

Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN, Brasil.  
E-mail: valeriaaraujoufrn@gmail.com

*Artigo recebido em: 04-11-2022  
Artigo aprovado em: 20-11-2023*

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender o processo de roteirização turística no Catu dos Eleotérios, uma comunidade indígena localizada no litoral sul do Rio Grande do Norte. Como percurso metodológico, a pesquisa é exploratória, de caráter qualitativo, o universo se configurou pelos atores do turismo na comunidade investigada. A coleta dos dados ocorreu, a partir de uma intervenção de capacitação, em que um Workshop de Roteirização Turística foi realizado e, posteriormente, avaliado conforme metodologia Phillips ROI. Além disso, realizou-se entrevistas com os atores do turismo local, visitas técnicas aos atrativos, observação participante e registro fotográfico como complementos da pesquisa, onde foi possível espelhar a metodologia de roteirização turística ROTURIS. Como resultados percebe-se que boa parte dos atores locais são jovens e com renda familiar baixa, sendo o turismo uma possibilidade de mudança socioeconômica. Contudo, ainda não se encontram preparados, apesar de já comercializar roteiros, para receber o turismo e gerir toda a complexidade que o envolve. A capacitação se revelou importante, conforme etapa 3 - fase 2 da ROTURIS, e identificou a resistência dos atores em participar das ações, além de pessimismo acerca dos reais benefícios que o turismo pode trazer. Espelhando a etapa 3 - fase 1 da ROTURIS, encontrou-se possibilidades de melhorias para o turismo local. Mediante aos desafios em se trabalhar o turismo de forma organizada, integrada e sustentável, sugere-se que a metodologia ROTURIS e o Turismo de Base Comunitária sejam incorporados no fazer local.

**Palavras-chave:** Roteirização Turística. Catu dos Eleotérios. ROTURIS. Turismo de Base Comunitária.

## ABSTRACT

The objective of this study was to understand the process of tourist routing in Catu dos Eleotérios, an indigenous community located on the southern coast of Rio Grande do Norte. As a methodological course, the research is exploratory of a qualitative character, the universe was configured by the actors of tourism in the investigated community. Data collection took place from a training intervention, in which a Tourist Routing Workshop was held and, later, evaluated according to the Phillips ROI methodology. In addition, interviews were carried out with local tourism actors, technical visits to attractions, participant observation and photographic record as complements to the research, where it was possible to mirror the ROTURIS tourist routing methodology. As a result, it can be seen that most of the local actors are young and with low family income, and tourism is a possibility of socioeconomic change. However, they are not yet prepared, despite already marketing itineraries, to receive tourism and manage all the complexity that involves it. The training proved to be important, according to stage 3 - phase 2 of ROTURIS, and identified the resistance of the actors to participate in the actions, in addition to pessimism about the real benefits that tourism can bring. Mirroring stage 3 - phase 1 of ROTURIS, possibilities for improvements were found for local tourism. Due to the challenges of working with tourism in an organized, integrated and sustainable way, it is suggested that the ROTURIS methodology and Community-Based Tourism be incorporated into local activities.

**Keywords:** Tourist Routing. Catu dos Eleotérios. ROTURIS. Community Based Touris.

## 1. INTRODUÇÃO

O turismo executa um papel importante quando se trata de desenvolvimento social e econômico para os municípios, pois é uma atividade que se apropria dos elementos históricos, culturais e naturais de uma determinada localidade. Silva (2021) menciona que a integração da comunidade receptora na tomada de decisão é muito importante, pois os residentes são os principais agentes no destino turístico. Dessa forma, torna-se necessário fazer um turismo colaborativo onde todos os envolvidos possam contribuir com o desenvolvimento da atividade de forma sustentável.

Felix *et al.* (2020, p. 02) complementam o que diz Silva (2021), em que “ignorar a participação da comunidade autóctone de um destino turístico põe em risco a sustentabilidade da atividade, uma vez que possibilitará um ambiente propício para conflitos decorrentes dos diferentes interesses estabelecidos”. São muitos os valores socioculturais explorados no turismo de base local, a exemplo das vivências dos povos como elementos norteadores nesse processo, por este motivo, o Turismo de Base Comunitária é um dos modelos de gestão que proporcionam benefícios às comunidades que o executam.

Nessa perspectiva, muitas são as comunidades indígenas que identificam no turismo uma possibilidade de crescimento econômico. Leal (2007) vai ao encontro dessa afirmação ao relatar que o turismo é reconhecido como aquele que traz acesso à cultura e aos povos da comunidade, incluindo costumes, tradições e crenças.

Diante desse contexto, se pode mencionar a comunidade indígena Catu dos Eleotérios localizada entre os municípios de Canguaretama/RN e Goianinha/RN. Os Eleotérios vivem nas proximidades do rio Catu, é uma comunidade que tem sua organização econômica baseada na agricultura familiar; contudo, hoje conta com a atividade turística como fator de impulso ao desenvolvimento social e econômico. A comunidade Catu dos Eleotérios apresenta manifestações culturais (como eventos locais), além disso, conta com a produção artesanal de farinha de mandioca e derivados da culinária local, com destaque para a batata doce e o peixe. Há plantas e ervas medicinais, garrafadas e muita sabedoria popular, inclui-se ainda o ritual do toré e trilhas realizadas nas áreas naturais (Pimentel, 2021).

Percebe-se o rico potencial turístico da comunidade, onde o visitante pode participar efetivamente das atividades cotidianas realizadas pelos residentes, gerando assim interação. Somente em meados de 2013, é que o turismo começa a se desenvolver na comunidade, tendo se intensificado no ano de 2019 quando jovens da comunidade começam a se capacitar e concluir cursos de graduação em turismo. Desde então, a atividade vem sendo operacionalizada

pelos nativos que, por meio de roteiros próprios, ofertam produtos diversos, a exemplo do jardim da cura<sup>1</sup>, um dos atrativos do roteiro oferecido por uma das empresas de receptivo local (atualmente, existem 03 receptivos na comunidade).

Com base nisso, é pertinente compreender o processo de roteirização turística como forte aliado ao desenvolvimento do turismo local. Segundo o Ministério do Turismo (Brasil, 2007) a roteirização envolve diversos atores do turismo, a integração e organização de atrativos, equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio, isto resulta na consolidação de produtos turísticos. Araújo (2020) descreve, também, que a roteirização turística é um procedimento que auxilia gestores e atores do turismo na composição do percurso turístico.

Dessa forma, apresenta-se a seguinte questão problema deste estudo: Quais são os desafios e as oportunidades ao desenvolvimento da roteirização turística no Catu dos Eleotérios? Para responder ao problema da pesquisa, foi traçado o seguinte objetivo geral: compreender o processo de roteirização turística no Catu dos Eleotérios. Para tanto, foi relevante: capacitar os atores do Catu em consonância com a compreensão do processo de roteirização turística, baseado na metodologia ROTURIS; avaliar os resultados dessa capacitação (um *Workshop*) a partir da compreensão da roteirização turística pelos atores do Catu dos Eleotérios; e propor adaptações e melhorias ao processo de roteirização turística local.

## 2. TURISMO: Interferência e Possibilidades às Comunidades Locais

Muito se discute acerca do protagonismo das comunidades locais quanto ao desenvolvimento da atividade turística de forma sustentável (Fabrino *et al.*, 2016). Entretanto, é no cerne desse tema que se encontra o Turismo de Base Comunitária (TBC), em que se agrega a sistematização e organização do turismo enquanto alternativa de renda, geração de empregos e, especialmente, da qualidade de vida dos autóctones (Zielinski *et al.*, 2020). Para além disso, “favorece a coesão, o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento” (Felix *et al.*, 2020).

Com base nisso, o TBC é uma estratégia que requer governança, no intuito de reduzir conflitos internos, melhorar o relacionamento com o poder público local e buscar a

---

<sup>1</sup> O jardim da cura é um dos atrativos da comunidade do Catu dos Eleotérios, operacionalizado por Maria Baixinha, uma senhora com conhecimentos ancestrais sobre plantas e ervas medicinais. A visita ocorre em meio a plantação de diversas mudas, plantas e árvores que têm propriedades revigorantes que, segundo ela, ajudam a curar enfermidades. Ao longo da visita, Maria Baixinha se entrelaça entre as explicações passadas aos visitantes, ricas em detalhes, com sua própria existência, sendo ela mesmo um ícone daquela experiência que, de tão autêntica, não seria a mesma se tivesse outro personagem em seu lugar.

autossuficiência financeira, entre outros (Mielke & Pegas, 2013; Graciano & Holanda, 2021). Por sua vez, Almeida e Silva (2019) reforçam que a ocorrência de conflitos internos e a dependência da ação governamental, associados à ausência de medidas de estímulo à organização do turismo, são fatores que interferem em toda a dinâmica da comunidade, para além do desenvolvimento da atividade turística local.

De acordo com Proença e Panosso Netto (2022), a comunidade, universidades, poder público e organizações do terceiro setor, são atores fundamentais para o suporte e estruturação do TBC. Por conseguinte, as interferências externas são relevantes, desde que atuem em conjunto e busquem soluções para o bem-estar social, ambiental, cultural e político dos autóctones. Os autores afirmam, ainda, que do ponto de vista socioambiental, o TBC causa baixo impacto negativo, dentre os fatores que justificam essa afirmativa está a reduzida escala de visitantes se comparado com aqueles destinos de turismo de massa.

Mielke e Pegas (2013) reiteram que são muitos os desafios inerentes ao trabalho participativo, associativo e cooperativo nos locais em que o TBC se instala, sobretudo, no que se refere à organização comunitária em torno do turismo. O Ministério do Turismo (Brasil, 2010) traça alguns princípios para o TBC, dentre os quais, vale ressaltar: a parceria e participação dos autóctones, a valorização da cultura local, e principalmente o protagonismo das comunidades locais. Além disso, o TBC consiste em um modelo de desenvolvimento turístico, centrado em recursos humanos, naturais, culturais e infraestrutura de determinada localidade, carregando na sua essência a gestão e a oferta de bens e serviços turísticos (Fabrino *et al.*, 2016).

Wanderley e Mazzolini (2017) caracterizam o turismo comunitário como um modelo de gestão em prol do desenvolvimento local das comunidades, que traz melhoria dos serviços prestados por meio de qualificação dos empreendedores locais, melhoria da gestão dos negócios comunitários, fortalecimento da governança local, implantação de processos de monitoramento do turismo e, principalmente, questões relativas ao acesso ao mercado e comercialização. Além disso, o turismo de base comunitária se apresenta como uma proposta de desenvolvimento sustentável, pois promove a emancipação social das comunidades e a conservação do patrimônio ambiental, histórico e cultural (Alves, 2013).

Segundo Mayaka, Croy e Cox (2019), o turismo de base comunitária é determinado ou pela abordagem participativa do desenvolvimento da localidade ou pela capacidade de potencial sobre óticas relacionadas ao desenvolvimento, no quesito de participação da atividade ou poder de tomada de decisão. Diante disso, Proença e Panosso Netto (2020) acentuam duas premissas possíveis de melhor compreensão sobre o TBC, em que se denominam: no turismo que é

desenvolvido na comunidade, que tem como ponto de partida o interesse comunitário; e no desenvolvimento da comunidade por meio do turismo, visto que tem agentes envolvidos no processo de apresentação do turismo no local.

Nessa perspectiva, o TBC se constitui na prática em um turismo alternativo como possibilidade de preservar e preconizar os valores socioculturais da comunidade, de modo que proporcione a valorização e o fortalecimento cultural local. Com isto posto, tender a promover a interação entre os nativos e os atores presentes na atividade turística (Stronza, 2008).

### 3. ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA: Entre Conceitos e Abordagens

A roteirização turística pode ser compreendida como um processo que se concretiza com a formatação de produtos turísticos, tendo, por exemplo: roteiros. Dessa forma, “a roteirização turística é evidenciada como o procedimento que auxiliará gestores e atores do turismo, na composição do percurso turístico” (Araújo *et al.*, 2020, p. 45). Contudo, na literatura ainda existem indefinições acerca dessa temática, afinal, o que difere roteiro, itinerário, rota, roteirização? Zai (2019, p. 58) destaca que “em termos acadêmicos rota, roteiro, itinerário e circuito não são sinônimos. É comum, entretanto, que estes sejam empregados na prática com o mesmo significado”.

Para o Ministério do Turismo (Brasil, 2007, p. 13) o roteiro turístico é um itinerário, porém, deve ser caracterizado “por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que formam o roteiro”. Percebe-se que a compreensão do termo roteiro turístico é complexa, haja vista esse termo ser, normalmente, reduzido a conceitos simplistas e mercadológicos (Cisne, 2016; Richter, Souza & Caris, 2016).

Além disso, a elaboração de roteiros a partir de agências e operadoras de turismo tem um viés diferente daqueles feitos por outros órgãos e instituições ligadas ao turismo, uma vez que esses itinerários “dependem de uma organização coletiva por parte dos responsáveis pela oferta turística local - iniciativa privada, poder público e sociedade civil organizada” (Bahl & Nitsche, 2012, p. 41).

A rota, por sua vez, requer a existência de uma sequência na ordem dos destinos a serem visitados, outrossim, há um ponto inicial e um ponto final. “É importante ressaltar, também, que uma rota pode contemplar vários roteiros e passar por várias regiões turísticas” (Brasil, 2010, p. 32). Nesse contexto, Araújo *et al.* (2020, p. 45) acreditam que “esta denominação não se limita a uma via de acesso a um determinado destino, mas se organiza em uma faixa de

território que permite a ligação entre os elementos turísticos e que se constitui, ela própria, um atrativo”. Destarte pode-se dizer que os conceitos de roteiro, itinerário e rota encontram alinhamentos e - em certo modo - complemento.

Em outra perspectiva, Rocha (2020, p. 120), lança olhar sobre a roteirização ao afirmar que, assim como outros processos inerentes ao turismo, teve início pelos agentes empresariais, sendo as agências de turismo as principais responsáveis. “É feita sob a lógica do que traz mais lucratividade aos seus negócios com pouca preocupação dos seus impactos”. Isso evidencia o roteiro como um produto e, portanto, meramente mercadológico, por isso, os impactos negativos não seriam levados em conta.

Por sua vez, Tavares (2002), afirma que a elaboração de roteiros não é uma exclusividade da iniciativa privada, uma vez que pode ser feita pelo próprio turista ou viajante. Sob essa perspectiva e considerando a existência daqueles elaborados pelo poder público local para fomento do turismo nos destinos, é possível classificá-los em três: roteiros comerciais, de práticas individuais e os institucionais, respectivamente.

No que se refere a roteiros institucionais, isto é, aqueles criados ou conduzidos por instituições públicas, merece destaque a roteirização turística implementada pelo MTur no Brasil, com o intuito de fomentar a interiorização do turismo por meio do Programa de Regionalização do Turismo (PRT). Essa política pública é relevante na medida em que as suas diretrizes caminham na direção da formatação de roteiros turísticos como forma de promover um turismo com planejamento, sustentabilidade e uma gestão descentralizada, porém integrada e coordenada (Virginio & Ferreira, 2013).

Compreende-se, portanto, a complexidade de tratar do turismo e de ações como a roteirização turística (ver quadro 1) em um país com dimensões continentais e, principalmente, riquezas naturais<sup>2</sup> e culturais como é o caso do Brasil (WEF, 2022), por isso mensurar o alcance de resultados, impactos, integrar atores, entre outros, é tarefa desafiadora.

#### Quadro 1

##### **Roteirização turística sob diferentes abordagens**

---

<sup>2</sup> Dos 21 países das Américas, analisados com base no Índice de Desenvolvimento do setor de viagens e turismo (TTDI na sigla em inglês), mais da metade pontua acima da média no quesito Recursos Naturais, destes, nove estão no top 20, num *ranking* com mais de 100 países; e, cinco, dentre eles o Brasil, figura entre os 10 primeiros.

Abordagem - Autores	Roteirização como...
Perspectiva do turista – Consumo Brambatti (2002); Moletta (2002); Scherer (2014)	Oferta de um conjunto de atrativos organizados em um contexto (e em roteiros) promovendo o consumo do produto turístico por meio do elo entre diferentes atrativos. A roteirização é vista como uma oportunidade para regiões menos maduras em termos de inserção econômica, mas que apresentam recursos naturais e culturais com potencial para agradar turistas.
Planejamento do turismo – Integração Meyer (2004); Bahl (2004)	Necessidade de se planejar e/ou controlar os elementos intervenientes, que se refere: a) às condições logísticas utilizadas pelo turista e sua adequação ao local; b) a qualidade e número de atrativos que serão visitados; c) aos serviços de hospedagem e restauração que serão ofertados; e d) ao tempo despendido no roteiro, que necessita de uma sincronização entre seus elementos.
Desenvolvimento territorial – Governança Meyer (2004); Veiga (2002)	Associada ao desenvolvimento a partir da autonomia, seja individual ou coletiva. Fortalece a discussão sobre governança, enquanto instrumento de desenvolvimento. O território deve prevalecer sobre a função turística que se pretende incorporar quando da implantação de roteiros. O turismo deve exercer um papel articulador e indutor de desenvolvimento, atuando com as demais atividades econômicas e socioculturais já existentes, bem como, com as características físicas e naturais que se apresentam.

Fonte: Zai e Sahr (2019); Rocha (2020).

Em uma breve articulação dos conceitos sobre roteirização turística, o quadro 1 congrega alguns dos desafios dos gestores (principalmente, em se tratando de roteiros institucionais) quando se deparam com a tarefa de promover o turismo nos destinos a partir da formatação de roteiros. Pois, como já apontado, não se pode resumir todo o processo de roteirização em uma perspectiva simplista de somente ligar atrativos em um destino ou entre regiões. Mais do que isso, o gestor precisa estar alinhado com uma ou mais abordagens que se conectem aos resultados esperados no final desse processo.

Quanto aos objetivos gerais da roteirização, destacam-se: estruturar, ordenar, qualificar e ampliar a oferta de roteiros turísticos de forma integrada e organizada (Brasil, 2007, p. 17), assim, vale salientar que a roteirização turística não encontra estudos que a consolidam por apenas um caminho possível, mas por variadas possibilidades.

#### 4. ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA: ROTURIS e sua Aplicabilidade no Rio Grande do Norte

A ROTURIS é uma metodologia de Roteirização Turística composta pela elaboração e implementação de um conjunto de teorias e técnicas de planejamento de roteiros (Virgínio e Fernandes, no prelo). Possui princípios em sua concepção, como: Desenvolvimento Local; Sustentabilidade; Planejamento participativo; e Segmentação da oferta. Sabendo que a maioria dos destinos com interesse em desenvolver o turismo se depara com a realidade de uma



atividade complexa, acredita-se que é preciso entender a atividade turística e acompanhar a sua evolução no tempo e no espaço estudado.

Nesse sentido, a ROTURIS percorre uma série de etapas desde a preparação do ambiente, até o envolvimento da comunidade local, da vontade política, do incentivo ao empreendedorismo, da formação de parcerias, do potencial turístico e dos estímulos necessários para se tornarem atrativos (e, posteriormente, produtos). No Rio Grande do Norte, essa metodologia foi aplicada em regiões turísticas e gerou dois roteiros consolidados: Roteiro Do Sertão para o Mar (2011) e Paraísos do Agreste (2013).

O Roteiro Do Sertão para o Mar envolveu quatro municípios e atingiu, diretamente, mais de 20 empresas. Foi formatado num prazo de 06 meses e teve como principal foco o segmento de turismo rural com forte apelo à produção associada ao turismo (Virginio & Tinoco, 2012, p. 68).

Como a metodologia ROTURIS foi desenvolvida, pensada e implantada por uma Turismóloga, existe uma preocupação da mesma em desenvolver um projeto que tenha equilíbrio, e envolva a participação entre os atores envolvidos do turismo. Desta forma o poder público, o privado, e a comunidade estão presentes no processo de desenvolvimento do Roteiro “Paraísos do Agreste” (Mello, 2016, p. 53).

O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte (SEBRAE/RN) utilizou a metodologia ROTURIS para a elaboração dos roteiros acima mencionados<sup>3</sup>. Atualmente, ambos os roteiros continuam sendo divulgados pelo SEBRAE/RN<sup>4</sup> e, segundo a Instituição, comercializados por agências de viagens de Natal/RN e do interior do estado, tendo passado por alterações ao longo dos anos, incluindo a mudança do nome do “Paraísos do Agreste” para “Serras do Agreste” em 2017.

Ainda sobre roteirização turística, a metodologia ROTURIS que ocorre em três etapas (ver quadro 2), preenche uma lacuna no RN como afirmam Virginio e Tinoco (2012, p. 65) “o que se observa é a contratação de empresas para estruturação, formatação e/ou elaboração de estudos para roteirização turística no estado”. Sendo composta por etapas e fases bem definidas, respeitando os recursos locais, envolvendo a comunidade, buscando reduzir custos e otimizar os resultados, a ROTURIS se constitui como uma metodologia sólida.

---

<sup>3</sup> Conforme notícias veiculadas por portais oficiais na internet, a exemplo do Jornal Tribuna do Norte *online* em <https://blog.tribunadonorte.com.br/etourismo/sebrae-rn-mostra-a-agentes-de-viagem-o-roteiro-paraisos-do-agreste/>.

<sup>4</sup> Como pode ser visto no site <https://www.encantosdorn.com.br/roteiros>.

Quadro 2

**Metodologia ROTURIS**

<b>Etapa</b>	<b>Do que se trata</b>	<b>Caminhos e abordagens</b>
1	Estudo de viabilidade e demanda	1) Levantamento financeiro para a realização do trabalho 2) Identificação do público-alvo/atores 3) Há demanda para esse novo produto? 4) Apresentar a proposta para o destino
2	Envolvimento dos atores (setor público, iniciativa privada e comunidade local)	5) Envolver os atores no processo 6) Realizar reuniões e/ou palestras de sensibilização 7) Mobilizar os atores promovendo uma visão compartilhada do trabalho
3	Implementação das fases de elaboração do roteiro	8) Analisar cada uma das Fases da ROTURIS e implementar conforme as necessidades locais: 1ª fase: Planejamento 2ª fase: Capacitação 3ª fase: Mercado 4ª fase: Controle e avaliação

Fonte: Virginio e Fernandes (no prelo)

As etapas 1 e 2 são de preparação do ambiente, assim, o trabalho de elaboração e implementação de um roteiro somente deve ter início quando houver condições para isso, o que inclui: estudos de viabilidade técnica, estudo de demanda, sensibilização e mobilização dos atores, assim como sugerem Richter e Caris (2016, p. 123) “quando falamos em elaboração de roteiros, devemos pensar na oferta turística efetiva e na demanda turística efetiva ou potencial”. Além disso, promover uma visão compartilhada é uma ação de cunho estratégico e que a metodologia destaca com assertividade. Na descrição a seguir é possível compreender melhor o processo, já que as etapas 1 e 2 tratam de uma preparação do ambiente para que, na etapa 3, ocorram os maiores avanços na concepção do produto em si, sendo composta por quatro fases.

Para a primeira fase – etapa 3, que é a do planejamento, sugere-se um levantamento prévio de documentos no destino ou região, tais como: Inventário Turístico, Plano Municipal de Turismo, Conselho Municipal de Turismo, Plano Diretor, etc. Além disso, é possível aplicar a ficha de levantamento e hierarquização de atrativos proposta pelo MTur. Na fase 2, que é a da capacitação, é fundamental concebê-la como uma ação que deve ser contínua, já que “muitas vezes, o processo de planejamento participativo é dificultado pela ausência de uma articulação ou de um número reduzido de participantes” (Richter & Souza, 2016, p. 180).

A roteirização auxilia o processo de identificação, elaboração e consolidação de novos roteiros turísticos e, além disso, tem como função apontar a necessidade de aumento dos investimentos em projetos já existentes, seja na melhoria da estrutura atual, seja na qualificação dos serviços turísticos oferecidos (Brasil, 2007, p. 16).

Já a fase 3 se destina a levantar importantes informações sobre a compreensão de especialistas quanto ao que está sendo planejado para este novo produto, além do mais, o gestor sozinho não consegue visualizar os cenários na íntegra, uma vez que está envolvido e imerso na criação do roteiro. Em outro ângulo, um diferencial dessa metodologia se encontra na fase 4 quando prevê um monitoramento do roteiro, mesmo após o seu lançamento.

Os dois roteiros implementados no RN a partir da metodologia ROTURIS revelam que as práticas de roteirização turística são adaptadas conforme as necessidades de cada lugar, assim como, daqueles que estão à frente desse processo, em especial, as instituições que atuam para o desenvolvimento e fortalecimento do turismo, como é o caso do SEBRAE (Virginio & Fernandes, no prelo).

A ROTURIS é uma metodologia com ares institucionais e não meramente mercadológicos, como aquelas praticadas pelas agências de viagens. Por isso, acredita-se que ela se configura como uma oportunidade ao desenvolvimento do turismo local, já que pode ser implementada em destinos e regiões turísticas e em contextos diversos.

## 5. METODOLOGIA

O presente estudo está pautado na pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. Thiollent (1985) apresenta a fase exploratória por meio da descoberta do campo de pesquisa, dessa forma, o estudo adotou a postura epistemológica construtivista, trazendo como principais premissas, as interações entre atores, em contextos que são sempre particulares, de modo que a maneira de assimilação do pesquisador auxilia no processo de edificação da realidade desses atores estudados (Cruz & Pedrozo, 2008).

No entanto, foi necessário efetuar investigações relacionadas ao recorte teórico do estudo. A princípio, foi necessária uma pesquisa bibliográfica, por meio de um levantamento de trabalhos com objetivos voltados à temática abordada. Dessa forma, Fabrino et al. (2016); Zielinski *et al.* (2020); Proença e Panosso Netto (2022); Araújo *et al.* (2020); Brambatti e César (2016); Dantas e Melo (2011); Virginio e Tinôco (2012); Zai e Sahr (2019); Silva (2007); Pimentel (2021); Silva (2021), foram essenciais para progredir na estruturação da pesquisa.

Em seguida, a pesquisa foi delineada como um estudo de caso junto à comunidade Indígena Catu dos Eleotérios, através de uma intervenção destinada aos atores que participam direta e indiretamente no turismo da localidade, o que resultou em um momento de capacitação

sobre roteirização turística por meio de um *workshop*<sup>5</sup> que ocorreu em julho de 2022. Vale ressaltar que, para isso, utilizou-se de princípios de roteirização turística, tendo como base a metodologia ROTURIS, a partir de aprendizagem e dinâmicas para facilitar o entendimento pelos participantes.

A Comunidade Indígena Catu dos Eleotérios, localizada nos municípios de Goianinha e Canguaretama/RN, da etnia potiguara, possui, segundo Bezerra (2017), uma população que está estruturada em 203 famílias, com uma média de 1100 residentes, tendo como principal fonte de renda o cultivo da agricultura familiar local. De acordo com Pimentel (2021); Oliveira (2020); Silva (2021); e Arcanjo (2021), as visitas à comunidade indígena Catu dos Eleotérios começaram por meio de pesquisadores da área de antropologia com o interesse em conhecer como se organizavam os povos que ali habitam, a fim de compreender os movimentos de resistência indígena no local.

Hoje em dia, o turismo no Catu dos Eleotérios está voltado à valorização cultural (incluindo a ancestralidade que é passada de uma geração para outra) com base no desenvolvimento e integração dos autóctones em atividades, como: artesanato, agricultura familiar, rituais indígenas, trilhas e gastronomia local (Pimentel, 2021).

Diante disso, o universo da pesquisa foram os atores participantes da prática turística local (artesãos, condutores locais, agências de receptivo da comunidade e demais pessoas que participam do turismo), aproximadamente 25 pessoas. A amostra foi de 13 respondentes de uma entrevista estruturada sobre o perfil dos atores e de sete participantes de uma capacitação sobre roteirização turística. Vale salientar, que foi lançado um convite nas plataformas de comunicação da comunidade, a fim de alcançar a presença dos atores na capacitação.

A coleta dos dados da pesquisa se deu por meio de: uma entrevista estruturada aplicada à amostra de 13 pessoas, com questões relacionadas ao perfil do entrevistado; uma ficha de avaliação acerca do evento, aplicada aos sete participantes através da plataforma Google forms, composta por quatro seções, e 12 questões, divididas entre: satisfação, aplicação, conhecimento e impactos, conforme o método Phillips ROI<sup>6</sup> (Phillips, Myhill & McDonough, 2008) para a

---

<sup>5</sup> Uma das tipologias de eventos possível de proporcionar aos participantes, momentos de teoria e prática (Britto e Fontes, 2002).

<sup>6</sup> Surgiu da necessidade de ter uma metodologia e conjunto padrão pelos quais se pudesse monitorar e, também, calcular o valor dos eventos realizados. Possui 05 níveis, que são: satisfação, conhecimento, aplicação, impactos e cálculo do ROI (adaptado para eventos). Assim, conforme Phillips, Myhill e McDonough (2008), essa metodologia é mais apropriada a eventos de negócios e eventos técnico-científicos, sendo que a maioria dos eventos a utiliza por meio de avaliações junto ao público participante, pois consegue mensurar os primeiros níveis. O último nível, por exemplo, é apropriado para aqueles eventos que recebem um volume de investimento maior para a sua realização e, portanto, precisa comprovar o seu valor estratégico ao calcular o retorno sobre o seu investimento (ROI).

avaliação, a fim de analisar o *Workshop*; e visitas técnicas aos atrativos da comunidade com observação participante.

Diante disso, a análise foi feita através de análise de conteúdo, conforme estudos de Bardin (2004), por meio de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Com base nisso, a investigação foi complementada espelhando a metodologia ROTURIS discutida na seção 4 deste estudo, além de registro fotográfico dos principais atrativos da comunidade, a fim de entender o funcionamento dos roteiros oferecidos na comunidade.

## 6. COMPREENSÃO DA ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA NO CATU DOS ELEOTÉRIOS: Um Espelhamento da Metodologia ROTURIS (Etapa 3 – Fase 2)

Para compreender a roteirização turística no Catu dos Eleotérios optou-se, primeiramente, por descrever o perfil dos atores que participam do turismo na comunidade investigada. Foi possível observar que há predominância do gênero masculino (61,5%) e de jovens com idade entre 26 e 35 anos (61,5%) à frente do turismo local. Quanto ao nível de escolaridade, foi possível identificar que 61,6% estão entre o ensino fundamental e o ensino médio completo. Quanto à renda familiar dos atores do turismo, foi identificado que 23,1% ganham até R\$1.212,00, ao mesmo tempo em que 46,2% não possuem nenhum tipo de renda.

Em se tratando da intervenção realizada na comunidade Catu dos Eleotérios, que ocorreu por meio da realização de um *Workshop* sobre Roteirização Turística, houve mobilização por parte de um dos atores locais do turismo “de porta em porta”. Contudo, dos 25 atores convidados, apenas sete compareceram ao evento. Dentre os motivos alegados para a não participação, estavam: “falta de tempo”, o que pode indicar que o turismo ainda não é uma prioridade para os atores locais; “não posso faltar ao trabalho para ir a uma capacitação”, mesmo sendo uma ação comunicada com 15 dias de antecedência e no local onde residem, evidenciando-se que é primordial, inicialmente, garantir o seu sustento familiar; “se der, eu passo lá”, o que demonstra certo desinteresse pela ação.

Com isso, percebe-se que o turismo ainda não é visto como uma oportunidade ou alternativa econômica mesmo para aqueles que já atuam nos roteiros que lá são comercializados. Vale salientar que se não houver protagonismo no turismo local, o TBC não se desenvolve (Fabrino et al., 2016).

Observou-se que, durante o *Workshop*, alguns participantes se mostraram desmotivados, pois em tom pessimista algumas falas se destacaram, como: “eu não sei se quero o turismo aqui”, “eu podia estar trabalhando”, “não sei o que é turismo”, “eu só vim porque não tinha

nada marcado hoje”. Essas falas retratam o desconhecimento dos atores sobre a atividade turística, porém, o cenário mudou quando a capacitação foi encerrada, as falas eram: “agora eu to entendendo esse turismo”, “foi muito bom, se tiver mais, eu venho”, “eu achei que num ia ser tão bom como foi”. Esse momento reitera que a integração, a governança e a participação da comunidade local no processo de roteirização turística são essenciais para o desenvolvimento do turismo, conforme as abordagens de Zai e Sahr (2019) e Rocha (2020).

Ademais, o *Workshop* foi avaliado (conforme a metodologia Phillips ROI) pelos participantes e os resultados podem ser vistos no quadro 3.

Quadro 3  
Resultados do *Workshop* de Roteirização Turística.

<b>Categorias<sup>7</sup></b>	<b>Questões</b>	<b>Resultados</b>
<b>Satisfação</b>	1- Qual o seu grau de satisfação com relação ao tema (assuntos abordados) da capacitação?	83,3% afirmaram estar muito satisfeitos
	2- Qual o seu grau de satisfação com relação às dinâmicas realizadas?	83,3% afirmaram estar muito satisfeitos
	3- Qual o seu grau de satisfação com relação aos materiais utilizados?	Todos afirmaram estar muito satisfeitos
	4- Qual o seu grau de satisfação com relação à duração (tempo) da capacitação?	66,7% afirmaram estar muito satisfeitos 16,7% satisfeitos 16,7% nem muito e nem pouco satisfeito
<b>Conhecimento</b>	5- Na escala de 0 a 10, avalie a qualidade das informações passadas:	83,3% avaliou como ótima
	6- Na escala de 0 a 10, avalie a oficina em que você teve que elaborar um roteiro	Todos avaliaram como ótima
	7- Na escala de 0 a 10, avalie sua participação/envolvimento com a capacitação (autoavaliação)	83,3% avaliou como ótima 16,7% avaliou como boa
	8- Na escala de 0 a 10, avalie sua interação com os demais participantes	83,3% avaliou como ótima
<b>Aplicação</b>	9- Quanto você acredita que os conhecimentos dessa capacitação poderão ser aplicados na sua vida?	66,7% informou que totalmente 33,7% informou que sim
	10- Quanto você acredita que os conhecimentos dessa capacitação poderão ser aplicados no seu trabalho?	66,7% informou que totalmente 33,7% informou que sim  Como exemplos mencionados, tem-se: "Experiência, conhecimentos, desenvolvimento, capacitação, oportunidade e planejamento";  "Conhecimento das fases da metodologia e todas as etapas, para aplicação. Aplicar nos processos de roteirização da minha empresa";  "Aprendizagem, planejamento, conhecimentos, multiplicação, desenvolvimento, estratégia, aperfeiçoamento, empreendedorismo, participação, nunca

<sup>7</sup> Adaptado de Phillips, Myhill e McDonough (2008).

Roteirização Turística na Comunidade Indígena Catu dos Eleotérios em Canguaretama/RN, Brasil:  
compreendendo os desafios e oportunidades

		desistir”.
	11- Em caso de aplicação (itens marcados entre 5 e 10)	66,7% informou que aplicará os conhecimentos adquiridos na vida profissional
<b>Impacto</b>	12- Você acredita que os ensinamentos adquiridos com essa capacitação podem trazer resultados para o seu trabalho?	83,3% afirmaram que totalmente 16,7% afirmaram que sim
		"No meu caso, pode vir a ser uma segunda opção de atividade econômica";  "Pois, é a utilização da ROTURIS, são todas as fases de roteirização encontradas no processo de planejamento";  "Sim pois foi muito difícil, mas aprendi que desistir são pra os fracos eu não sei o significado dessa palavra, só tenho agradecer pela oportunidade, obrigado";  "As coisas apressadas podem ser usadas para um bem maior";  "Sim, porque para mim foi uma experiência, só tenho agradecer pela oportunidade".

Fonte: Dados do estudo (2022)

O grau de satisfação dos participantes denota que a capacitação agradou quanto aos assuntos, dinâmicas e materiais utilizados. Por sua vez, o tempo da capacitação leva à seguinte compreensão: há carência por capacitações relacionadas ao turismo para esses atores; e o tempo dessa capacitação, especificamente, foi insuficiente dada a sua robustez para um público que possui pouco ou nenhum conhecimento em turismo.

Percebe-se que 83,3% dos participantes acreditam que os conhecimentos repassados ao longo da capacitação foram assimilados. Logo, a ação de intervenção na comunidade, por meio do *Workshop* de roteirização turística, foi exitosa e atingiu os objetivos traçados. Corroborando Cisne (2016); Richter, Souza e Caris (2016), não se pode resumir o processo de roteirização turística em uma perspectiva simplista, assim como, o protagonismo das comunidades locais é um impulso para o TBC (Fabrino *et al.*, 2016).

A aplicação dos conhecimentos adquiridos na capacitação infere que a mesma gerou, além de satisfação e conhecimento, possibilidades reais de aplicação. Portanto, o turismo passará a ser visto como uma alternativa para melhoria da renda, geração de empregos e, especialmente, da qualidade de vida dos autóctones (Zielinski *et al.*, 2020). Isso implica, ainda, que os conflitos internos e a dependência da ação governamental, podem ser minimizados (Almeida & Silva, 2019), haja vista o envolvimento dos atores que, sensibilizados e mobilizados, passam a dar suporte e estruturação ao TBC (Proença & Panosso Netto, 2022).

Quando os conhecimentos chegam ao ponto de trazer impactos, é sinal que o evento, nesse caso o *Workshop*, chegou onde a maior parte dos eventos almeja, a um nível de resultados importantes e com valores estratégicos (Phillips, Myhill & McDonough, 2008). Nesse caso, apesar de ser um evento sem grandes pretensões e com público reduzido, isto é, para além da sensibilização dos atores locais, sabe-se que é uma iniciativa que pode reverberar em resultados positivos frente ao desenvolvimento do turismo na comunidade. Esse tipo de ação favorece o TBC que, por sua vez, amplifica o sentido coletivo de vida em sociedade, a inclusão, o sentimento de pertencimento, entre outros (Felix *et al.*, 2020; Richter & Souza, 2016).

Outrossim, um destaque para a fala do participante que diz que “as coisas apressadas podem ser usadas para um bem maior”, tende a refletir a rapidez com que o turismo tem se instalado na comunidade (Silva, 2021; Pimentel, 2021; Arcanjo, 2021). Contudo, é como se agora fosse possível enxergar algo bom com isso (a chegada do turismo na comunidade). A ação de capacitação realizada compreende, também, um espelhamento com a metodologia ROTURIS, na etapa 3, fase 2, uma vez que sensibiliza por meio de uma capacitação (*Workshop*) os atores locais acerca de uma temática relevante para o desenvolvimento do turismo, no caso, a roteirização turística.

Essa ação reflete a importância de qualificar as pessoas que estão envolvidas com o turismo, trazendo-lhes mais autonomia e conhecimento sobre essa atividade e, principalmente, apontando os rumos que devem ser seguidos ao abordar assuntos como planejamento e sustentabilidade, essenciais ao contexto local (Virginio & Fernandes, no prelo).

## 7. PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA NO CATU DOS ELEOTÉRIOS: Diagnóstico Propositivo a Partir da Metodologia ROTURIS (Etapa 3 – Fase 1)

A proposta aqui apresentada é fruto de observação participante realizada durante visitas à Comunidade Catu dos Eleotérios no mês de junho de 2022. O quadro 4 elenca um conjunto de ações propositivas, onde: a coluna “Eixo” traz as principais demandas por área estratégica presentes e identificadas na comunidade, acerca do turismo; e a coluna “Ação propositiva” forma o arcabouço de um diagnóstico realizado pelos pesquisadores, especialistas em turismo, durante as visitas *in loco*, cujo objetivo é auxiliar o pensamento de ações futuras em prol do desenvolvimento do turismo local.

Quadro 4

### Diagnóstico propositivo para o turismo no Catu dos Eleotérios

Eixo	Ação propositiva
------	------------------



Roteirização Turística na Comunidade Indígena Catu dos Eleotérios em Canguaretama/RN, Brasil:  
compreendendo os desafios e oportunidades

<b>Meio ambiente</b>	1. Realizar ações de sensibilização e mobilização para educação ambiental; 2. Providenciar lixeiras e mutirões para coleta do lixo nas ruas da comunidade;
<b>Atrativos Naturais</b>	3. Realizar oficina sobre cultivo de batata doce na terra de algum nativo, promovendo a vivência no momento da agricultura familiar; 4. Inserir pausas em locais estratégicos da trilha para contemplação e conversas/curiosidades; 5. Explicar sobre as frutas mais comuns no local, se possível, debaixo de uma árvore frutífera e com possibilidade de degustar no momento; 6. Realizar a trilha no turno da tarde e inserir um momento de reflexão com pôr do sol, ao final;
<b>Atrativos Histórico-culturais</b>	7. Explorar mais a história da origem e de como a comunidade está organizada por aldeias/famílias; 8. Estabelecer parceria com o setor de artesanato do Sebrae/RN, a fim de integrar projetos setoriais e construir uma identidade local; 9. Explorar a pintura corporal também no restaurante Olho do Catu, para os que não realizaram a visita à trilha; 10. Inserir uma sobremesa típica no cardápio do almoço; 11. Elaborar uma oficina para preparação de chás, aproveitando todo o conhecimento proporcionado no Jardim da Cura; 12. Preparar alguns produtos para comercialização no Jardim da Cura, como: Mix de ervas, chás, temperos, etc; 13. Inserir, como produto extra a ser incorporado a pedido do visitante e com antecedência, um momento para exploração das lendas locais em torno de uma fogueira, ao final do dia (início de uma proposta de atrativo noturno e que pode gerar um pernoite); 14. Promover um “Chá da tarde no Jardim”: momento para degustação de chás, biscoitos, geleias, etc; 15. Proporcionar um piquenique na casa de farinha, ao invés de café da manhã (sugestão de como explorar melhor a casa de farinha);
<b>Infraestrutura</b>	16. Sinalizar com placas de identificação os nomes das famílias, situando o visitante quanto aos conjuntos de casas que formam as aldeias; 17. Melhorar a sinalização e o acesso à comunidade, assim como de trajetos entre um atrativo e outro; 18. Construir bancos para descanso e contemplação a cada 700m da trilha, debaixo de uma árvore; 19. Investir em kits de primeiros socorros para uso na trilha; 20. Elaborar lista com os principais contatos do posto de saúde da comunidade, assim como, atualizar a relação dos médicos de plantão nos dias de trilha; 21. Reconstruir a passagem pelo Rio Catu para dar mais segurança no trajeto, quando a trilha iniciar do lado de Canguaretama;
<b>Alimentos &amp; Bebidas</b>	22. Providenciar lixeira, guardando, talheres e pratos com quenga de coco ou de outra matéria prima local como cutelaria para o café da manhã e outros pontos de degustação; 23. Promover ações de Boas Práticas de Fabricação (BPF) em parceria com o Sebrae/RN para produtores de A&B; 24. Trabalhar para inserir mais de uma alternativa de almoço na comunidade, por exemplo, na casa de nativo a depender do tamanho do grupo;
<b>Comercialização</b>	25. Disponibilizar para venda: Farinha de mandioca, coco ralado, batata doce para comercialização no café da manhã; 26. Inserir elementos encontrados na comunidade para produção e comercialização de arranjos de folhagens, temperos secos, etc;
<b>Marketing</b>	27. Criar um mapa de atrativos do Catu, com a localização dos pontos de visitação;
<b>Capacitação</b>	28. Propor ação conjunta com os professores da rede escolar local para resgate da história das famílias, de modo a construir uma árvore genealógica da/na comunidade; 29. Organizar a contação de histórias da comunidade de forma a selecionar e setorizar o que vai ser abordado, assim como, considerar a cronologia no processo. Como sugestão, professores das escolas do Catu podem coordenar essa ação.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O diagnóstico é um instrumento estratégico no desenvolvimento de um destino turístico, a metodologia ROTURIS concebe esse processo na etapa 3, fase 1, para tanto, o olhar do especialista sobre a área a ser trabalhada é o grande diferencial. No quadro 4 são quase 30 sugestões de melhorias em oito eixos principais, revelando as necessidades e especificidades da comunidade estudada, haja vista os atrativos e a oferta de serviços turísticos que possuem, conforme elencados por Pimentel (2021) e reiterados no discurso de Richter e Caris (2016).

Cabe aos atores locais o avanço em meio ao diagnóstico proposto, assumindo um papel de governança, essencial ao desenvolvimento do TBC (Mielke & Pegas, 2013; Graciano & Holanda, 2021; Richter & Souza, 2016). Isto posto, o olhar dos que não são da comunidade e que possuem expertise no assunto, é, sem dúvidas, uma contribuição que pode trazer inspirações e suscitar novas ações para o turismo local. Vale salientar, que as ações propostas foram pensadas sob o prisma da viabilidade econômica, financeira e social, ou seja, ao alcance dos atores locais - de forma integrada e organizada (Brasil, 2007).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo elucidou o processo de roteirização turística no Catu dos Eleotérios, em que, por meio de uma capacitação direcionada aos atores do turismo local e de um diagnóstico propositivo, baseados na metodologia ROTURIS, alcançando o seu propósito de forma satisfatória. Os dados revelaram que o turismo na comunidade Catu dos Eleotérios é feito por jovens que possuem renda familiar baixa, enxergando no turismo uma possibilidade de mudança socioeconômica. Portanto, a proposta de roteirização turística é muito pertinente para o turismo de base local, com isso, a participação dos autóctones no processo de construção de roteiros, estimula a comunidade a reconhecer o potencial turístico que possui, visto que, a elaboração de novos produtos pode proporcionar novas possibilidades de melhorias, incluindo o crescimento econômico.

Diante disso, é pertinente afirmar que a metodologia ROTURIS expõe uma oportunidade ao desenvolvimento local, já que incentiva a sustentabilidade, planejamento participativo e segmentação da oferta, podendo ser aplicada em diversas regiões, assim como em comunidades tradicionais. No que se refere ao processo de roteirização turística no Catu dos Eleotérios, a partir da aplicação da etapa 3 - fase 2 da metodologia ROTURIS, ficou claro a necessidade de sensibilizar os atores locais sobre a atividade turística, uma vez que essa ausência de conhecimento dificultou sua compreensão a respeito dos avanços e melhorias que o turismo pode causar.

Com a capacitação e sensibilização dos autóctones na comunidade indígena Catu dos Eleotérios, foi possível desconstruir junto aos atores locais, a ideia de que existem somente impactos negativos no turismo. Desse modo, trazendo possibilidades acerca do pensar sobre turismo como uma atividade econômica e que pode ocasionar significativos resultados positivos para a comunidade. Além disso, a observação participante dos pesquisadores possibilitou a construção de um diagnóstico propositivo com eixos prioritários e ações possíveis de serem implementadas, conforme a etapa 3, fase 1, da ROTURIS.

Essa ação reverbera a reflexão sobre os valores históricos e culturais como potencial turístico, ampliando os roteiros já existentes. Para tanto, sugere-se explorar os atrativos naturais, envolver a participação dos atores, organizar e sistematizar os atrativos explorados no roteiro. Acredita-se que, com isso, vai agregar valor à cultura local, além de gerar emprego e renda para os autóctones, ocasionando mais qualidade de vida, conforme os princípios do TBC.

Portanto, o processo de roteirização incentiva e remete a uma percepção quanto ao protagonismo dos autóctones no desenvolvimento do turismo. Isso ocorre, na medida em que, ao estimular a construção e comercialização de novos roteiros pode-se ampliar a procura pelo destino, além de impulsionar o planejamento participativo e o empoderamento local. Nesse ínterim, o TBC surge como um norte a ser perseguido para que, de fato, haja a implementação do turismo na comunidade indígena Catu dos Eleotérios, a começar pela reestruturação dos roteiros.

Por conseguinte, esta pesquisa abre a possibilidade de aplicação da metodologia ROTURIS, na íntegra, na comunidade Catu dos Eleotérios, haja vista o grande potencial turístico existente no local. Entretanto, reitera-se a necessidade de planejar e organizar melhor os roteiros turísticos, assim como estabelecer parcerias com agências de viagens e turismo para a comercialização dos produtos ofertados pela comunidade.

Ademais, sugere-se alguns caminhos para pesquisas futuras quanto ao turismo na comunidade, como: compreender a dinâmica territorial e seus entraves ao desenvolvimento do turismo local; averiguar os impactos possíveis da atividade turística na localidade; analisar, sob a ótica do desenvolvimento sustentável, a aplicabilidade do turismo responsável na comunidade Catu; e, investigar a conjuntura do turismo de base comunitária na comunidade Catu dos Eleotérios.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, Antônio Rafael Barbosa de, & Silva, Rodrigo Freire de Carvalho. (2019). A Base Comunitária, os conflitos e o turismo na comunidade de Forte Velho, Santa Rita (PB). *Caderno Virtual de Turismo*, 19(1). <https://doi.org/10.18472/cvt.19n1.2019.1387>
- Alves, K. (2013). Turismo de Base Comunitária: Fundamento histórico e abordagens conceituais. In: Silva, F. P. da (Ed.), *Turismo de base comunitária: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno* (1 ed., pp. 81-92). Salvador: EDUNEB.
- Araújo, L. M. de, Escouto, T. A. de A., Vieira, V. B., Ferreira, H. P. & Perinotto, A. R. C. (2020). Influência da roteirização em cenários turísticos brasileiros: Rota das Emoções-Parnaíba/Piauí (2005-2018). *Tourism and Hospitality International Journal*, 15(1), 40-58.
- Arcanjo, V. da C., (2021). Análise do perfil e da satisfação dos turistas e visitantes da aldeia Catu dos Eleotérios com a experiência imersiva de um roteiro. *Monografia* (Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
- Bardin, Laurence. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bahl, Miguel & Nitsche, Leticia B. (2012). Roteiros e itinerários turísticos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo. In: *Planejamento de roteiros turísticos*. Ramos, S. P. (Org). Coleção Tempo e Espaço. Porto Alegre/RS: Asterisco.
- Bezerra, N. X. (2017). A festa da Batata no Catu dos Eleotérios do RN: celebração da colheita e da identidade indígena. *Arquivos Brasileiros de Alimentação*. Recuperado de: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/ABA/article/view/1208>
- Brasil. Ministério do Turismo. (2007). *Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7*. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Brasília.
- Brasil. Ministério do Turismo. (2010). *Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública*. Brasília.
- Britto, Janaina & Fontes, Nena. (2002). *Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo*. 2 ed. São Paulo: Aleph.
- Cisne, Rebecca. (2016). Roteiro turístico, do simples ao complexo: A necessidade de reflexões. In: *X Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, Paraná*.
- Cruz, L. B., & Pedrozo, E. A. (2008). Pesquisas de concepção como uma alternativa para o campo da estratégia. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(4), edição especial, 56-74. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000400005>

- Fabrino, N. H., Nascimento, E. P., & Costa, H. A. (2016). Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(3), 172-190. <https://doi.org/10.18472/cvt.16n3.2016.1178>
- Félix, J. P. S., Farias, M. F., Chagas, M. M., & Marques Júnior, S. (2020). Turismo de Base Local e Cultura: uma análise da relação entre o apoio ao turismo e seus antecedentes em comunidades indígenas e quilombolas no Rio Grande Do Norte - Brasil. *Turismo: Estudos & Práticas (UERN)*, Mossoró-RN, 9(1), 1-25.
- Graciano, Pollyanna Fraga & Holanda, Luciana Araújo de. (2021). Governança de Turismo de Base Comunitária e estudo dos entraves para a consolidação de duas comunidades em Recife (Pernambuco, Brasil) sob a luz do Modelo de Análise da Governança. *Revista Turismo em Análise*, 32(2), 367-388. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i2p367-388>
- Leal, E. S. (2007). O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista antropológico. *Caderno Virtual de Turismo*, 7(3), 17-25. <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/204/161>
- Mayaka, M., Croy, W. G., & Cox, J. W. (2019). A Dimensional approach to community-based tourism: Recognising and differentiating form and context. *Annals of Tourism Research*, [s. l.], 74, November 2018, 177-190. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.12.002>
- Mello, Yara Maria da Silva. (2016). Roteiro “paraísos do agreste” – Passa e Fica, Serra de São Bento, e Monte das Gameleiras - RN: um estudo sobre práticas de planejamento turístico. *Monografia* (Graduação em Turismo) Departamento de Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 75f.
- Mielke, E. J. C., & Pegas, F. V. (2013). Turismo de Base Comunitária no Brasil: Insustentabilidade é uma questão de Gestão. *Turismo Em Análise*, 24(1), 170-189. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v24i1p170-189>
- Phillips, Jack J., Myhill, Monica, & McDonough, James B. (2008). *O valor estratégico dos eventos: como e por que medir ROI*. São Paulo: Aleph.
- Pimentel, M. J. S. (2021). Análise do potencial de desenvolvimento do turismo Étnico-Criativo na comunidade do Catu dos Eleotérios. *Monografia* (Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
- Proença, Ana Rosa G. B., & Panosso Netto, Alexandre. (2020). The Process of Tourism Transition and the Tourism Social Contract in Indigenous Area: The case of the Nova Esperança Indigenous Community (Rio Cuieras, Brasil). In: Leal Filho, Walter, King, Victor K., & Lima, Ismar Borges de (Eds.). *Indigenous Amazonia, Regional Development and Territorial Dynamics: Contentious Issues*. New York: Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-29153-2\\_8](https://doi.org/10.1007/978-3-030-29153-2_8)
- \_\_\_\_\_. (2022). Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras -Amazonas).

*Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, 16, e-2408.  
<https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2408>

- Richter, M., Caris, E. A. P., & Souza, E. M. F. da R. de. (2016). Conceito, objetivos e importância dos roteiros turísticos. In: Richter, M., et al (Orgs). *Elaboração de Roteiros: volume único*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 328 p. Recuperado de <https://canal.cecierj.edu.br/122016/45ca7cac2fc685bec77b06eb1aeb6ebb.pdf>
- Richter, M., & Souza, E. M. F. da R. de. (2016). Planejamento turístico participativo e turismo de base comunitária para a elaboração de roteiros turísticos. In: Richter, M., et al (Orgs). *Elaboração de Roteiros: volume único*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 328 p.
- Richter, M., & Caris, E. A. P. (2016). Planejamento de roteiros turísticos. In: Richter, M., et al (Orgs). *Elaboração de Roteiros: volume único*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 328 p.
- Rocha, Diego Uliano. (2020). A roteirização turística dos destinos sob o olhar do mapeamento participativo: contribuições para a busca de um turismo inclusivo. *Arquivos do CMD*, 8(1). <https://doi.org/10.26512/cmd.v8i1.31464>
- Silva, G. F. (2021). Percepções e apoio da comunidade local ao desenvolvimento turístico em municípios da Região Geográfica Imediata de Canguaretama/RN. *Monografia* (Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
- Stronza, A., Gordillo J. F., & Hunt. C. (2008). Community Views of Ecotourism: Redefining Benefits. *Annals of Tourism Research*, 35 (2), 444-468. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2008.01.002>
- Tavares, Adriana de Menezes. (2002). *City Tour*. São Paulo: Aleph.
- Thiollent, M. (1985). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez.
- Virginio, D. F., & Fernandes, F. C. (no prelo). Roteirização Turística no Rio Grande do Norte: Considerações a partir da metodologia ROTURIS. In: Gestão Regional e Políticas de Turismo. Cabral, A., Cavalcante, J., Santos Júnior, J. J., Tomazzoni, E., & Braga, D. (Orgs.). Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Programa de Pós-graduação em Turismo. São Paulo: PPGTUR-USP, [s/d (?)].
- Virginio, D. F., & Tinoco, D. B. (2012). Turismo no território da cidadania Açú Mossoró: Formatando novos produtos e simplificando processos. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 2(1), 56-73. <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/610/439>
- Wanderley, F. I., Mazzolini, A.G.V., & Azevedo, F. F. (2017). Turismo Comunitário e Gestão Participativa na RDS Estadual Ponta do Tubarão (RN): processos e perspectivas. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, 10(2), 210-226. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2017.v10.6527>
- World Economic Forum, WEF. *Travel and Tourism Development Index 2021: Rebuilding for a sustainable and resilient future*. (2022). Recuperado de: [https://www3.weforum.org/docs/WEF\\_Travel\\_Tourism\\_Development\\_2021.pdf](https://www3.weforum.org/docs/WEF_Travel_Tourism_Development_2021.pdf)
-

Zai, Clotilde. (2019). Sistemas de roteirização turística e desenvolvimento territorial: o entorno rural do aglomerado urbano de Curitiba/PR. *Tese* apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, 273f.

Zai, C., & Sahr, C. L. L. (2019). Roteirização turística como instrumento de desenvolvimento territorial: o roteiro 'verde que te quero verde' de Campo Magro/Paraná (Brasil). *Centro de Estudos Geográficos, Finisterra*, LIV (110), 135-154. <https://doi.org/10.18055/Finis13421>

Zielinski, S., Kim, S. il, Botero, C., & Yanes, A. (2020). Factors that facilitate and inhibit community-based tourism initiatives in developing countries. *Current Issues in Tourism*, 23(6), 723-739. <https://doi.org/10.1080/13683500.2018.1543254>

---

#### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Virginio, D. F., Silva, G. F., Silva, A. M. M. X., & Araújo, M. V. P. (2024). Roteirização Turística na Comunidade Indígena Catu dos Eleotérios em Canguaretama/RN, Brasil: compreendendo os desafios e oportunidades. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 12(3), 470-492. DOI 10.21680/2357-8211.2024v12n3ID30757

---